

AS CAUSAS DO MAIOR ESTAR ECONÔMICO DA POPULAÇÃO

Ultimamente, vem-se discutindo, com certa insistência, na imprensa, a necessidade de se realizar, neste país, importantes obras de fomento. Essa discussão tem uma base que é, para todos nós, bastante conhecida: as riquezas naturais do país continuam desaproveitadas: terrenos incultos, minas por explorar, indústrias por criar, etc., etc.

De facto este país continua atraçado industrial e agricolarmente. Enquanto lá fora não há uma única faixa de terreno desaproveitada, entre nós vive-se num regime de austeridade que é simplesmente vergonhoso.

Sob o ponto de vista agrícola a questão está demasiadamente debatida. No Alentejo, predomina o regime da grande propriedade — esse regime, mesmo sob o ponto de vista burguês, assume as proporções dum verdadeiro crime. E assume essas proporções porque, na maioria, se não na totalidade, dos casos o lavrador alentejano não tem necessidade para que a sua vida seja abastada e próspera, para que a sua fortuna seja considerável, de mandar cultivar mais de dez por cento da terra de que é detentor. Em muitos casos podia até dispensar o cultivo dum simples metro quadrado de terreno: a criação de gado e a produção da cortiça bastam-lhe para conseguir um rendimento bastante importante que lhe permite vida regalada e uma existência financeira sem dificuldades, nem sobressaltos.

O resultado disso é Portugal, apesar de ser um país essencialmente agrícola, não produzir trigo necessário para o consumo e chegar a escassear as forragens para o gado.

Para se avaliar da gravidade desse problema basta ter em consideração que dois terços da população é rural. E como, na maior província do país, os proprietários não cultivam as terras, os rurais não têm trabalho e debatem-se na miséria, na miséria negra a que não falta a fome. Daí a emigração fornecer maior contingente nos campos do que nas cidades.

E' claro que os grandes proprietários são dum egoísmo bastante prejudicial à colectividade — à própria colectividade burguesa — egoísmo que, contudo, encontra nas leis uma protecção indiscutível e, com ela, uma impunidade perfeitamente assegurada.

Portugal vive, salvo um ou outro interregno político mais ou menos duradouro, sob o regime parlamentarista. E como nas eleições quem decide não são as duas grandes cidades do país — Lisboa e Porto — mas as províncias e quem fabrica os deputados é a influência dos caciques e os caciques são, invariavelmente, grandes proprietários e lavradores, são eles também, na democracia, os verdadeiros senhores e os reis autênticos. Os deputados e, portanto, os partidos e os próprios governos estão na sua dependência, respeitando-lhes, em face disso, o seu privilégio, esse singular e criminoso privilégio de deter a terra sem a cultivar, esfomeando a população e reduzindo o rural a uma existência tão triste e tão aviltante que não encontra paralelo com os tempos remotos da escravidão antiga.

Quanto às razões da falta de desenvolvimento industrial do país, não é difícil descobri-las e analisá-las. As pessoas que detêm grandes capitais não educam os filhos considerando as necessidades da vida moderna indicam e exigem. Invariavelmente, os seus herdeiros ou vão para Coimbra bacharelarem-se em direito ou para um seminário cursarem teologia ou para o exército, afim de seguirem a carreira das armas.

A falta de competências dá lógicamente o retraimento de capitais. E este, por sua vez, origina o desaproveitamento das riquezas naturais e a falta de actividade industrial. E, quando algum capital se reune para tentar qualquer exploração, é sempre a mesma base moral da profecção escandalosa do Estado que surge. Essa escandalosa protecção dá em resultado uma vida industrial, artificial e primitiva, que esfomeia o produtor e o impede de ser consumidor.

São estas, expostas a largos traços, as razões da grande crise que coloca toda uma população, honesta e trabalhadora, à margem da vi-

AS CASAS DE «PREGO» Prosseguem na sua obra nefasta os usurários capitalistas

A suspensão do decreto sobre prestatistas trouxe-nos um interregno a esta campanha de vida ou de morte em que andamos empinhados. No entanto continuamos surzindo esses honrados cavalheiros para o que não nos faltam motivos e razões.

O penhorista é a personificação do roubo e da fraude. Em cada acto da sua vida

E o que vimos todos? Que as «parelhas» espanholas, com os seus processos de pesca, tinham dado cabo da riqueza da província.

Um desses processos foi então explicado: dois barcos, sulcando paralelamente os mares algarvios, levavam uma rede mortal que, colada ao fundo do mar, arrastava na sua fúria destruidora tudo quanto encontrava sardinha pequena, imprópria por isso para o consumo, moluscos e tudo quanto constitui a alimentação do peixe.

Devido a esta barbaridade a pouca sardinha que ficava, emigrava. E as indústrias que viviam da pesca paralizavam obrigarão os seus artífices a procurarem outras profissões.

A fome não tardou com seu cortejo de misérias e de dores. Traçámos, também, com o rigor próprio, o que foram esses quadros de miséria.

Há um ano já se vivia no Algarve esta situação. De então para cá a situação agravou-se, porque o peixe não voltou em quantidade suficiente e o que aparecia era apanhado pelos espanhóis e porque não se tomaram medidas, como a situação exigia.

Intimas vezes têm vindo a Lisboa comissões, representativas de todas as classes laboriosas do Algarve, do comércio e dos municípios, pedir providências contra este estado de coisas. Tudo inútil!

No Algarve há hoje como há um ano: fome por todos os cantos.

O Diário de Notícias, que nunca quis atacar o problema de frente, que só levemente defendeu a abertura de trabalhos públicos para lá serem empregados os chômeiros, veio agora com uma subscrição a favor dos famintos algarvios.

Já os dissemos: a solução não agrada. O que os algarvios precisam não é de esmolas. Precisam de trabalho para viver. Tudo quanto se faça em contrário só pode merecer a nossa reprovação.

Ha dias veiu a Lisboa outra comissão delegada das associações operárias de Lagos reclamar do governo trabalho. Ao ministro da Marinha fez essa comissão entrega de uma representação advogando o cumprimento de várias medidas.

Falámos com dois dos comissionados António Pedro Pião e Joaquim Barros, sobre o assunto. Parece avaliar a miséria que por lá vai basta reproduzir algumas palavras díssimas camaradas:

— A crise não pode ser mais agravante, fome em todo o Algarve. Têm-se dado casos impressionantes. Homens e mulheres que também vencidos pela fome, fazem-no, e em que só no concelho de Odemira, estão registradas (registos municipais) 589 minas de ferro, manganez, cobre, etc., predominando sobretudo o ferro.

Mas não constitui só um direito, a aspiração do Algarve a possuir um porto que servisse de escoadouro aos produtos das suas indústrias, do seu comércio, dos seus frutos e cortiça e dos minérios e mais produtos da zona de influência; constitui também uma necessidade imprevisível, pois que, sem tal melhoramento, o Algarve, para quem a Natureza foi prodígio, na distribuição de dons criadores de riqueza e prosperidades, está condenado a uma completa atração, a ruína económica e financeira, ao exôdo dos seus habitantes, a um completo aniquilamento.

Ha dias veiu a Lisboa outra comissão delegada das associações operárias de Lagos reclamar do governo trabalho. Ao ministro da Marinha fez essa comissão entrega de uma representação advogando o cumprimento de várias medidas.

Falámos com dois dos comissionados António Pedro Pião e Joaquim Barros, sobre o assunto. Parece avaliar a miséria que por lá vai basta reproduzir algumas palavras díssimas camaradas:

— A crise não pode ser mais agravante, fome em todo o Algarve. Têm-se dado casos impressionantes. Homens e mulheres que também vencidos pela fome, fazem-no, e em que só no concelho de Odemira, estão registradas (registos municipais) 589 minas de ferro, manganez, cobre, etc., predominando sobretudo o ferro.

Mas não constitui só um direito, a aspiração do Algarve a possuir um porto que servisse de escoadouro aos produtos das suas indústrias, do seu comércio, dos seus frutos e cortiça e dos minérios e mais produtos da zona de influência; constitui também uma necessidade imprevisível, pois que, sem tal melhoramento, o Algarve, para quem a Natureza foi prodígio, na distribuição de dons criadores de riqueza e prosperidades, está condenado a uma completa atração, a ruína económica e financeira, ao exôdo dos seus habitantes, a um completo aniquilamento.

Ha dias veiu a Lisboa outra comissão delegada das associações operárias de Lagos reclamar do governo trabalho. Ao ministro da Marinha fez essa comissão entrega de uma representação advogando o cumprimento de várias medidas.

Falámos com dois dos comissionados António Pedro Pião e Joaquim Barros, sobre o assunto. Parece avaliar a miséria que por lá vai basta reproduzir algumas palavras díssimas camaradas:

— A crise não pode ser mais agravante, fome em todo o Algarve. Têm-se dado casos impressionantes. Homens e mulheres que também vencidos pela fome, fazem-no, e em que só no concelho de Odemira, estão registradas (registos municipais) 589 minas de ferro, manganez, cobre, etc., predominando sobretudo o ferro.

Mas não constitui só um direito, a aspiração do Algarve a possuir um porto que servisse de escoadouro aos produtos das suas indústrias, do seu comércio, dos seus frutos e cortiça e dos minérios e mais produtos da zona de influência; constitui também uma necessidade imprevisível, pois que, sem tal melhoramento, o Algarve, para quem a Natureza foi prodígio, na distribuição de dons criadores de riqueza e prosperidades, está condenado a uma completa atração, a ruína económica e financeira, ao exôdo dos seus habitantes, a um completo aniquilamento.

Ha dias veiu a Lisboa outra comissão delegada das associações operárias de Lagos reclamar do governo trabalho. Ao ministro da Marinha fez essa comissão entrega de uma representação advogando o cumprimento de várias medidas.

Falámos com dois dos comissionados António Pedro Pião e Joaquim Barros, sobre o assunto. Parece avaliar a miséria que por lá vai basta reproduzir algumas palavras díssimas camaradas:

— A crise não pode ser mais agravante, fome em todo o Algarve. Têm-se dado casos impressionantes. Homens e mulheres que também vencidos pela fome, fazem-no, e em que só no concelho de Odemira, estão registradas (registos municipais) 589 minas de ferro, manganez, cobre, etc., predominando sobretudo o ferro.

Mas não constitui só um direito, a aspiração do Algarve a possuir um porto que servisse de escoadouro aos produtos das suas indústrias, do seu comércio, dos seus frutos e cortiça e dos minérios e mais produtos da zona de influência; constitui também uma necessidade imprevisível, pois que, sem tal melhoramento, o Algarve, para quem a Natureza foi prodígio, na distribuição de dons criadores de riqueza e prosperidades, está condenado a uma completa atração, a ruína económica e financeira, ao exôdo dos seus habitantes, a um completo aniquilamento.

Ha dias veiu a Lisboa outra comissão delegada das associações operárias de Lagos reclamar do governo trabalho. Ao ministro da Marinha fez essa comissão entrega de uma representação advogando o cumprimento de várias medidas.

Falámos com dois dos comissionados António Pedro Pião e Joaquim Barros, sobre o assunto. Parece avaliar a miséria que por lá vai basta reproduzir algumas palavras díssimas camaradas:

— A crise não pode ser mais agravante, fome em todo o Algarve. Têm-se dado casos impressionantes. Homens e mulheres que também vencidos pela fome, fazem-no, e em que só no concelho de Odemira, estão registradas (registos municipais) 589 minas de ferro, manganez, cobre, etc., predominando sobretudo o ferro.

Mas não constitui só um direito, a aspiração do Algarve a possuir um porto que servisse de escoadouro aos produtos das suas indústrias, do seu comércio, dos seus frutos e cortiça e dos minérios e mais produtos da zona de influência; constitui também uma necessidade imprevisível, pois que, sem tal melhoramento, o Algarve, para quem a Natureza foi prodígio, na distribuição de dons criadores de riqueza e prosperidades, está condenado a uma completa atração, a ruína económica e financeira, ao exôdo dos seus habitantes, a um completo aniquilamento.

Ha dias veiu a Lisboa outra comissão delegada das associações operárias de Lagos reclamar do governo trabalho. Ao ministro da Marinha fez essa comissão entrega de uma representação advogando o cumprimento de várias medidas.

Falámos com dois dos comissionados António Pedro Pião e Joaquim Barros, sobre o assunto. Parece avaliar a miséria que por lá vai basta reproduzir algumas palavras díssimas camaradas:

— A crise não pode ser mais agravante, fome em todo o Algarve. Têm-se dado casos impressionantes. Homens e mulheres que também vencidos pela fome, fazem-no, e em que só no concelho de Odemira, estão registradas (registos municipais) 589 minas de ferro, manganez, cobre, etc., predominando sobretudo o ferro.

Mas não constitui só um direito, a aspiração do Algarve a possuir um porto que servisse de escoadouro aos produtos das suas indústrias, do seu comércio, dos seus frutos e cortiça e dos minérios e mais produtos da zona de influência; constitui também uma necessidade imprevisível, pois que, sem tal melhoramento, o Algarve, para quem a Natureza foi prodígio, na distribuição de dons criadores de riqueza e prosperidades, está condenado a uma completa atração, a ruína económica e financeira, ao exôdo dos seus habitantes, a um completo aniquilamento.

Ha dias veiu a Lisboa outra comissão delegada das associações operárias de Lagos reclamar do governo trabalho. Ao ministro da Marinha fez essa comissão entrega de uma representação advogando o cumprimento de várias medidas.

Falámos com dois dos comissionados António Pedro Pião e Joaquim Barros, sobre o assunto. Parece avaliar a miséria que por lá vai basta reproduzir algumas palavras díssimas camaradas:

— A crise não pode ser mais agravante, fome em todo o Algarve. Têm-se dado casos impressionantes. Homens e mulheres que também vencidos pela fome, fazem-no, e em que só no concelho de Odemira, estão registradas (registos municipais) 589 minas de ferro, manganez, cobre, etc., predominando sobretudo o ferro.

Mas não constitui só um direito, a aspiração do Algarve a possuir um porto que servisse de escoadouro aos produtos das suas indústrias, do seu comércio, dos seus frutos e cortiça e dos minérios e mais produtos da zona de influência; constitui também uma necessidade imprevisível, pois que, sem tal melhoramento, o Algarve, para quem a Natureza foi prodígio, na distribuição de dons criadores de riqueza e prosperidades, está condenado a uma completa atração, a ruína económica e financeira, ao exôdo dos seus habitantes, a um completo aniquilamento.

Ha dias veiu a Lisboa outra comissão delegada das associações operárias de Lagos reclamar do governo trabalho. Ao ministro da Marinha fez essa comissão entrega de uma representação advogando o cumprimento de várias medidas.

Falámos com dois dos comissionados António Pedro Pião e Joaquim Barros, sobre o assunto. Parece avaliar a miséria que por lá vai basta reproduzir algumas palavras díssimas camaradas:

— A crise não pode ser mais agravante, fome em todo o Algarve. Têm-se dado casos impressionantes. Homens e mulheres que também vencidos pela fome, fazem-no, e em que só no concelho de Odemira, estão registradas (registos municipais) 589 minas de ferro, manganez, cobre, etc., predominando sobretudo o ferro.

Mas não constitui só um direito, a aspiração do Algarve a possuir um porto que servisse de escoadouro aos produtos das suas indústrias, do seu comércio, dos seus frutos e cortiça e dos minérios e mais produtos da zona de influência; constitui também uma necessidade imprevisível, pois que, sem tal melhoramento, o Algarve, para quem a Natureza foi prodígio, na distribuição de dons criadores de riqueza e prosperidades, está condenado a uma completa atração, a ruína económica e financeira, ao exôdo dos seus habitantes, a um completo aniquilamento.

Ha dias veiu a Lisboa outra comissão delegada das associações operárias de Lagos reclamar do governo trabalho. Ao ministro da Marinha fez essa comissão entrega de uma representação advogando o cumprimento de várias medidas.

Falámos com dois dos comissionados António Pedro Pião e Joaquim Barros, sobre o assunto. Parece avaliar a miséria que por lá vai basta reproduzir algumas palavras díssimas camaradas:

— A crise não pode ser mais agravante, fome em todo o Algarve. Têm-se dado casos impressionantes. Homens e mulheres que também vencidos pela fome, fazem-no, e em que só no concelho de Odemira, estão registradas (registos municipais) 589 minas de ferro, manganez, cobre, etc., predominando sobretudo o ferro.

Mas não constitui só um direito, a aspiração do Algarve a possuir um porto que servisse de escoadouro aos produtos das suas indústrias, do seu comércio, dos seus frutos e cortiça e dos minérios e mais produtos da zona de influência; constitui também uma necessidade imprevisível, pois que, sem tal melhoramento, o Algarve, para quem a Natureza foi prodígio, na distribuição de dons criadores de riqueza e prosperidades, está condenado a uma completa atração, a ruína económica e financeira, ao exôdo dos seus habitantes, a um completo aniquilamento.

Ha dias veiu a Lisboa outra comissão delegada das associações operárias de Lagos reclamar do governo trabalho. Ao ministro da Marinha fez essa comissão entrega de uma representação advogando o cumprimento de várias medidas.

Falámos com dois dos comissionados António Pedro Pião e Joaquim Barros, sobre o assunto. Parece avaliar a miséria que por lá vai basta reproduzir algumas palavras díssimas camaradas:

— A crise não pode ser mais agravante, fome em todo o Algarve. Têm-se dado casos impressionantes. Homens e mulheres que também vencidos

EFEMÉRIDES

7 de Maio

1834.—Auto de fé em Coimbra. Saíram, em nome de Deus, 8 homens e 95 mulheres, além de 6 homens e 1 mulher relaxados em carne, 7 «defuntos» nos cárceres e absolvidos, 5 estátuas de homens e 7 de mulheres, e 1 mulher condenada a cárcere e degrado para o Brasil, por ter «pacio com o ciabato».

1829.—Enforcadas na Praça Nova, do Porto, — hoje Praça da Liberdade, — 12 liberais.

1892.—Reclamando menos horas de trabalho, declararam-se em greve os operários da Companhia Carris de Ferro, de Lisboa.

1901.—Estala a greve geral em Barcelona. A luta entre grevistas e a polícia, foi verdadeiramente sangrenta, havendo 80 feridos e 5 mortes.

1903.—Depois de sucessivos escândalos, dados pela «Irmandade dos Clérigos Pobres» que estavam da posse do extinto convento de Santa Maria, resolve o governo português excluir os lá e entregar o edifício à administração dos hospitais civis para serem tratadas, ali, as doentes venéreas.

A BATALHA NO PROVÍNCIA E BORBORGES

Coimbra

O descanso semanal

COIMBRA, 5.—Tratando-se de assuntos que se prendem com o cumprimento do descanso semanal nos hotéis, uma comissão da Associação dos Empregados dos Hoteis, Cafés e Restaurantes, avistou-se entre em com o sr. comissário da polícia desta cidade.

Em resposta às razões de sobejo que os comissionados acuaram em favor de sua justíssima causa, aquela autoridade teve para elas palavras que não deixam dúvida alguma sobre a sua parcialidade a favor dos hoteleiros.

É há, contudo, uma lei sobre o horário de trabalho...

Resta aos interessados fazer valer por suas mãos os seus direitos escarneados. — C.

História Universal del Proletariado

«Veinte siglos de opresión capitalista»

Esta publicação em língua espanhola que encontra a venda na nossa administração, é relato histórico, documentalístico e detalhado das lutas originais, pela desigualdade social que, em formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros altos da civilização.

Caixa fascículo de 48 páginas, 125 mil réis, registrado, 167.

Estão publicados os seguintes fascículos:

1.—«La era de la esclavitud»;

2.—«La rebelión de Espartaco»;

3.—«Expulsión de la esclavitud»;

4.—«Abeyciones y Servidumbres»;

5.—«La revolución de los siervos»;

6.—«La miseria de los agricultores»;

7.—«Transformación del Poder Feudal»;

8.—«El comunismo cristiano»;

9.—«Los miserables en la Edad Media»;

10.—«La libertad histórica»;

11.—«La agonía del absolutismo»;

12.—«El trabajo motor universal»;

13.—«El imperio de la guillotina»;

14.—«Las luchas sociales y la revolución francesa»;

15.—«Los primeros tiempos del salarial»;

16.—«Hospitales, cárceles y asilos»;

17.—«Las crudas luchas de la burguesía capitalista»;

18.—«Los héroes de la Comuna»;

19.—«Horribles matanzas de Comunistas»;

20.—«La República Española y la clase obrera»;

21.—«La Primera Internacional»;

22.—«El socialismo ante el Parlamento español»;

23.—«El futuro obrero profetizado por Castelar»;

24.—«Pi y Margall confundió a los enemigos del socialismo»;

25.—«Los precursores del Proletariado, motivo»;

26.—«Crueldades burguesas»;

27.—«Los mártires de Chicago»;

28.—«Muerte heroica de cinco proletarios»;

29.—«El prole arriado en América»;

30.—«Los dictadores mexicanos»;

31.—«Conclusión».

OS QUE MORREM

Irmângio Pires da Luz

Faleceu em Lourenço Marques o sr. Irmângio Pires da Cruz, funcionário dos Caminhos de Ferro e um dos deportados para a fortaleza de Moçambique, em consequência do grandioso movimento dos ferroviários daquela cidade.

O funeral, que foi largamente concorrido, saiu do hospital Miguel Bombarda.

Manuel José de Carvalho

Em Vila Nova de Baronia faleceu o sr. Manuel José de Carvalho.

CONSELHO TÉCNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarregado da execução de todos os estabelecimentos que digam respeito à sua indústria tais como: edificações, reparações, imprensa, construção de lamas, em todos os gêneros, jazigos em todos os gêneros, fogões de sala, xadrez, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em carpintaria e marmores de todas as provinências.

Telefone — 539 Trindade

Escrítorios

Gaiata do Comércio, 38-A, 2.

FIGUEIRA DA FOZ

A «Batalha» vende-se nesta localidade na barbearia de Firmino Ferreira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

AS INUNDAÇÕES DO MISSISSÍPI

A estorvada luta contra a tragédia

A intensidade das águas decresce, mas 500.000 pessoas estão sem recursos de qualquer natureza

A inundação do Mississípi, que assim é referida em todo o mundo uma formidável catástrofe, tende a decrescer, mas os perigos são vastos e iminentes, ainda. Ao norte de Nova Orleans, 350 quilómetros, organizou-se metódicamente a luta contra a vaga que tem engolido cidades e campos, e lançado centenas de milhar de almas na angústia e no luto.

Pretece-se salvar os últimos refúgios das multidões resolvidas, abrem-se desesperadamente brechas nos diques, supondo-se naturalmente que o caudal aterrorizante se desvie e faça menos estragos e menos vítimas. Partem verdadeiras «fótiñas» de socorro, servindo toda a espécie de embarcações, a fim de salvar dos telhados, dos altos das árvores ou das montanhas, um número considerável de pessoas em perigo. Com a velocidade da corrente perpassam sobre as águas cadáveres de animais.

As vítimas formam imensas legiões de dor. Mais de 300.000 pessoas se encontram sem abrigo e não se pode calcular ainda o número dos desaparecidos, apenas se tendo podido contar uma cifra superior a 350 mortos. Como não bastando a grandeza da desgraça, a abertura de brechas nos diques fizeram aumentar em mais 200.000 o número de pessoas que estão sem alimento e, porventura, sem alimentação regular.

O abastecimento e o socorro às vítimas tornam-se em impossíveis, não havendo nos campos mais lugares disponíveis para acampar os feriados. As correntes de migração, determinadas pela calamidade, são as mais vastas que se recordam na história dos Estados Unidos.

A luta contra a imensa catástrofe é empenhada com frenesi. A Cruz Vermelha supõe dinheiro para arrecadar aos necessitados, que devem ser todos os 500.000 foras das 15.000 quilómetros cobertos pelas inundações. A abertura de brechas nos diques fizeram que a vaga impetuosa ameace seis localidades importantes: Concórdia, 14.000 habitantes; Rápidos, 44.000; Lassalle, 9.000; Avicyelles, 24.000; Cataula, 1.000; e, ainda, Dinas.

As últimas informações mostram que diminui a intensidade da catástrofe, mas o perigo continua alarmante justamente as populações das localidades ainda inundadas.

SOCIÉDADES DE RECREIO

Associação Concentração Musical 24 de Agosto. — Hoje, às 21,12 horas. Ré-cita e baile até de madrugada.

Lisboa trágica

Ecos de um desastre

Da enfermaria nº 4 do hospital do Deserto, saiu com alta, Angelina Nascimento, moradora na rua Manuel Bernardo, 10-1º, uma das sobreviventes do choque ocorrido na noite de 24 de Abril, entre um automóvel e um eléctrico, na alameda das linhas de Torres. A outra sobrevivente, Irene Ramos, continua em estado satisfatório nesta enfermaria.

Im previdência fatal

Na enfermaria nº 4 do hospital do Deserto, saiu da enfermaria nº 4 do hospital do Deserto, saiu com alta, Angelina Nascimento, 16 anos, natural de Lisboa e residente na Rua do Arco de Carvalho, nº 18, que é que na sua residência tentou pôr termo à existência.

Colhido por uma máquina

Na enfermaria nº 6 do Hospital da Estefânia recolheu Odete Cremilda Ferreira, 23 anos, natural de Lisboa e residente na Rua da Arco de Carvalho, nº 18, que é que na sua residência tentou pôr termo à existência.

Colhido por uma prancha

No posto da Cruz Vermelha do Calvário recebeu curativo e recolheu a casa Filipe José, 23 anos, marítimo, natural e residente no Seixal, que na doca da Junqueira foi, dentro dum «fragata» ali fundeada, colhido por uma prancha, que o deixou contuso pela cabeça e corpo.

Queda na residência

Na enfermaria de S. Sebastião do Hospital de S. José deu entrada Mariana Oliveira, 72 anos, trabalhadora, natural de S. João e residente em Angos de Montelongo (Síntra) que próximo da sua residência deu uma queda, ficando muito contuso pelo corpo.

Menor atropelado

Na enfermaria nº 5 do Hospital Estefânia deu entrada Mariana Oliveira, 50 anos, natural de Moçambique, sem residência certa, que dedicava-se à venda de jogos da loteria da Santi Casa, cuja pôrte escada dum prédio, que não sabe indicar, ficando muito ferido na cabeça.

Queda numa escada

Na enfermaria infantil do Hospital de Entrada, Alvaro Machado Pereira, 5 anos, natural de Lisboa e residente na rua Saracava de Carvalho, Vila Ramos, 4, 1º, e que na rua onde reside foi colhido por um automóvel, ficando muito ferido pelo corpo.

Edições de A SEMEANTEIRA

Práticas neo-malutianas..... \$50
O sentido em que somos anarquistas..... \$50
A peste religiosa..... \$50
A Liberdade..... \$50
A Internacional (música e letra)..... \$50

Pedidos a A BATALHA ou no Cais do Sodré, 83

A CATASTROFE DE BELEM

Não se provou a culpabilidade dos arguidos

Na primeira audiência do julgamento, ontem realizada, ficou bem ressalvada a responsabilidade dos empregados, no pavilhão desastre.

Foi em 19 de Agosto de 1924. Está ainda na mente de todos. O rápido de Cascais, marchando a 60 quilómetros à hora, chocou violentamente com um mercadorias que se encontrava na estação de Belém, resultando desse horrível desastre a morte de oito pessoas e mais de trinta de feridos, mais ou menos gravemente. O maquinista do rápido, um dos principais heróis — chamemos-lhe assim — da estação, chegou a ser levado para a Morgue, dado como cadáver.

Houve larga reportagem sobre o assunto, na imprensa, e a máquina, que se encontrava na estação de Belém, resultando desse horrível desastre a morte de oito pessoas e mais de trinta de feridos, mais ou menos gravemente. O maquinista do rápido, um dos principais heróis — chamemos-lhe assim — da estação, chegou a ser levado para a Morgue, dado como cadáver.

Houve larga reportagem sobre o assunto, na imprensa, e a máquina, que se encontrava na estação de Belém, resultando desse horrível desastre a morte de oito pessoas e mais de trinta de feridos, mais ou menos gravemente. O maquinista do rápido, um dos principais heróis — chamemos-lhe assim — da estação, chegou a ser levado para a Morgue, dado como cadáver.

Houve larga reportagem sobre o assunto, na imprensa, e a máquina, que se encontrava na estação de Belém, resultando desse horrível desastre a morte de oito pessoas e mais de trinta de feridos, mais ou menos gravemente. O maquinista do rápido, um dos principais heróis — chamemos-lhe assim — da estação, chegou a ser levado para a Morgue, dado como cadáver.

Houve larga reportagem sobre o assunto, na imprensa, e a máquina, que se encontrava na estação de Belém, resultando desse horrível desastre a morte de oito pessoas e mais de trinta de feridos, mais ou menos gravemente. O maquinista do rápido, um dos principais heróis — chamemos-lhe assim — da estação, chegou a ser levado para a Morgue, dado como cadáver.

Houve larga reportagem sobre o assunto, na imprensa, e a máquina, que se encontrava na estação de Belém, resultando desse horrível desastre a morte de oito pessoas e mais de trinta de feridos, mais ou menos gravemente. O maquinista do rápido, um dos principais heróis — chamemos-lhe assim — da estação, chegou a ser levado para a Morgue, dado como cadáver.

Houve larga reportagem sobre o assunto, na imprensa, e a máquina, que se encontrava na estação de Belém, resultando desse horrível desastre a morte de oito pessoas e mais de trinta de feridos, mais ou menos gravemente. O maquinista do rápido, um dos principais heróis — chamemos-lhe assim — da estação, chegou a ser levado para a Morgue, dado como cadáver.

Houve larga reportagem sobre o assunto, na imprensa, e a máquina, que se encontrava na estação de Belém, resultando desse horrível desastre a morte de oito pessoas e mais de trinta de feridos, mais ou menos gravemente. O maquinista do rápido, um dos principais heróis — chamemos-lhe assim — da estação, chegou a ser levado para a Morgue, dado como cadáver.

Houve larga reportagem sobre o assunto, na imprensa, e a máquina, que se encontrava na estação de Belém, resultando desse horrível desastre a morte de oito pessoas e mais de trinta de feridos, mais ou menos gravemente. O maquinista do rápido, um dos principais heróis — chamemos-lhe assim — da estação, chegou a ser levado para a Morgue, dado como cadáver.

Houve larga reportagem sobre o assunto, na imprensa, e a máquina, que se encontrava na estação de Belém, resultando desse horrível desastre a morte de oito pessoas e mais de trinta de feridos, mais ou menos gravemente. O maquinista do rápido, um dos principais heróis — chamemos-lhe assim — da estação, chegou a ser levado para a Morgue, dado como cadáver.

Houve larga reportagem sobre o assunto, na imprensa, e a máquina, que se encontrava na estação de Belém, resultando desse horrível desastre a morte de oito pessoas e mais de trinta de feridos, mais ou menos gravemente. O maquinista do rápido, um dos principais heróis — chamemos-lhe assim — da estação, chegou a ser levado para a Morgue, dado como cadáver.

Houve larga reportagem sobre o assunto, na imprensa, e a máquina, que se encontrava na estação de Belém, resultando desse horrível desastre a morte de oito pessoas e mais de trinta de feridos, mais ou menos gravemente. O maquinista do rápido, um dos principais heróis — chamemos-lhe assim — da estação, chegou a ser levado para a Morgue, dado como cadáver.

Houve larga reportagem sobre o assunto, na imprensa, e a máquina, que se encontrava na estação de Belém, resultando desse horrível desastre a morte de oito pessoas e mais de trinta de feridos, mais ou menos gravemente. O maquinista do rápido, um dos principais heróis —

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—A's horas.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 h.
Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 h.
Pele e sifílis—Dr. Correia Figueiredo—11 h. à 5 h.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Lobo—2 h.
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 h.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—12 horas.
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Belo—3 h.
Doenças das senhoras—Dr. C. Alves—2 h.
Doenças das crianças—Dr. Filipe Marinho—12 h.
Tratamento de diabetes—Dr. Ezequiel Roma—5 h.
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.
Cancro e rádio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.
Raio-X—Dr. Aleu Saldanha—1 horas.
Anestesia—D. Gabriela Beato—4 horas.

LA NOVELA SOCIAL
A GRANDE BAIXA
DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10 %

NA

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora... 50,00
Sapatos em verniz... 38,00
Botas pretas (grande salto)... 48,00
Botas pretas (normal)... 48,00
Grande salto de couro pretas... 58,50
Botas de couro para homem... 46,50

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com outra casa.
V. bem, pois só lá encontra bom e barato.
A Social Operaria é na rua dos Cavaleiros, 18-20, com filial na mesma rua, n.º 45.

ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.
Pedidos a:

FRANCISCO LATTA
LARGO DO CONDE BARÃO, 55
Tabacaria e Kiosque

A. VALENTE DE OLIVEIRA

PROCURADORIA

Rua Garrett, 48, 5.º — LISBOA

Cobrança de dívidas—Questões de Inquilinato—Hipotecas—Casamentos—Divórcios—Ações em todos os tribunais

Grátis aos pobres

Aos pobres recomendados pelo jornal A Batalha e a todos os residentes na freguesia do Sacramento, damos consultas, para informações sobre diversos assuntos, como questões a resolver em tribunais, de inquilinato, etc. e fazemos toda a espécie de requerimentos, memoriais, petições, etc., gratuitamente.

Um livro interessante

Acaba de ser posto à venda uma bela obra de RICARDO MELLA,

IDEARIO

que consta dum volume de 336 páginas dividido nos seguintes capítulos:

Monografia Crítica Social — Educação — Liberdade — Tácticas — Evolução — Revolução — Violência — Liberdade — Autoridade — Ensaios Filosófico-Religioso — Ideias — Iconoclastas — Moral

Temas sociológicos — Pedagogia — Vida Espiritual — Homens — Representantes — Trabalhos Polémicos — Letras — Fragmento literário.

Preço 18,00 — Pelo correio 19,50

Pedidos à Administração de A Batalha

— A BATALHA

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

7-5-1927

A BATALHA

NO REGIME CAPITALISTA

Os trágicos aspectos da crise de trabalho em Paris

Paris, 1 de Abril.—O desemprego aperta suicidadoramente as gorgas dos proletários. Sobretudo os refugiados estrangeiros andam por si tristes e abatidos. Não há dinheiro para pagar o alojamento nem para comer um lanche. O cônscio não querer pagar a viagem de retorno ad pais natal.

E a fome e o sonho. A fome terrível que garrota o estômago e o faz soltar gritos de desespero... Máximo Gorki nos seus erros de boêmia fazia calar os protestos instantâneos a sopapos aplicados na barriga.

A nós falta-nos o valor do vigoroso escritor da estepa. Somos páris aristocratizados, espécie de canhala fossilizada e impermeabilizada por essa coisa absurdamente incompreensível que se chama «médio». Nem sequer sabemos fazer parar com um murro essa máquina calamitosa que se chama ventre.

Passeamos a fome sob a inclemência matinal e vesperal do clima parisiense, amoladour e doente. Dormimos sob a sagrada ponte vermelha da época revolucionária, muito próximos dos palácios e das vilas perfumadas dos «Campos Elysées». Durante o dia passamos as horas dulcissimas, sepultados no sofá estriado e sem molas da sala dos bilhards do «Point du Jour», asilo perpétuo dos que têm fome e sede de... pão e café creme. Aqui está-se admiravelmente ao brando calor dos igradiadores eléctricos e ao ritmico sôa das bolas que às vezes sob o peso da alucinação nos parecem enormes queijos redondos.

Sentados, em repouso absoluto, a fome não esporeia tanto. A falta de ar, o fumo do tabaco, a discussão acalorada, a figura antípatica do empregado que nos repele até o aborrecimento: *Qu'est que c'est, monsieur?* irritam-nos a tal ponto que desaparece a própria vontade de comer.

Durante a noite, já a coisa muda de figura. As águas endiabradadas do «pai Sena» trazem até os nossos ouvidos alguma coisa da sonoridade fatídica da gota de água do «Jardim dos Supícios» de Mirbeau. A terra húmida não é muito mais dura que o sofá do «Point du Jour». Os arcos da ponte protectora assemelham-se-nos a caprichosas figuras arquitetónicas. Ao morto resplender dum farol que se funde nas profundidades verdosas do rio, cremos ver naquele monumento pétreo todos os estilos conhecidos: etrusco, românico, churrigueresco...

Alguma vez se nos figura aquilo a abobada imensa das covas de «Artá», com suas inconfundíveis estalactites convertidas como por encanto em apetitosos presuntos...

Mas o frio aperta, e nossa carne miserável anseia por calor vizinho.

E tão grande a dor e o asco que não tememos os «lícios» da terceira República. Se viessem visitar-nos para levá-los ao *Depô* (cadeia civil), agradecem-nos-iams. Ali come-se ao menos, e dorme-se em cima de alguma coisa. Não vêm os «lícios». Ao despertar a manhã, parece que surgiu na semi-penumbra do dia-nascente, como dois pontos de fogo, os olhos fixos, penetrantes, do inspector Javert.

O desemprego é uma trama férrea que atenaza as pobres carnes macilentes dos sem-trabalho. O *boulevard* torna-se infinito, inacabável. O ruído grosseiro dos pianos só nos timpanos como notas de música infernal.

Passa um bêbado que mede geometricamente o espaço do *trottoir*.

Passa uma prostituta besuntada de *vermelho* e cujas olheiras se assemelham muito às nossas; olheiras de paixão, de delírio, de agonia. Passa a multidão indecifrável desse bairro de Belleville, refúgio de todos os estrangeiros. (L.)

Vão ser criados

mais seis Tribunais de Desastres no Trabalho

Vai ser publicado por estes dias um decreto, criando mais seis Tribunais de Desastres no Trabalho. A razão desse diploma fundamenta-se no facto dos dois únicos tribunais existentes — um em Lisboa e outro no Porto — não correspondem às exigências, sempre crescentes, do grande número de sinistros. O referido decreto é de teor seguinte:

Art. 1º.º É criado um novo Tribunal de Desastres no Trabalho, na cidade de Lisboa, ficando-lhe pertencendo o julgamento dos assuntos que lhe competiam, mas só nos 1.º e 2.º bairros e nos concelhos de Alenquer, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Cacilhas, Cascais, Sintra e Oeiras.

Art. 2º.º No Tribunal de Desastres no Trabalho existente à data desse decreto na cidade de Lisboa, fica pertencendo o julgamento dos assuntos que lhe competiam, mas só nos 1.º e 2.º bairros e nos concelhos de Alenquer, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Cacilhas, Cascais, Sintra e Oeiras.

Art. 3º.º É criado um novo Tribunal de Desastres no Trabalho na cidade do Porto, cuja área compreende o 2.º bairro e os concelhos de Póvoa de Varzim, Santo Tirso, Vila Nova de Gaia.

Art. 4º.º O Tribunal já existente na cidade do Porto compreende o 1.º bairro e os concelhos de Amarante, Baião, Felgueiras, Gondomar, Louzada, Maia, Marco de Canavezes, Matosinhos e Vila do Conde.

Art. 5º.º São criados Tribunais de Desastres no Trabalho na cidade da Guarda, Viana do Castelo, Vila Real e Funchal, abrangendo cada um a área do respectivo distrito.

Art. 6º.º O actual Tribunal de Desastres no Trabalho com sede na cidade de Setúbal fica abrangendo todo o distrito administrativo da mesma denominação.

Art. 7º.º O Tribunal de Desastres no Trabalho existente na cidade da Covilhã, fica abrangendo todo o concelho do mesmo nome e os concelhos de Belmonte e Penacôr.

Art. 8º.º — Ao tribunal com sede em Cascais.

Passa e não come. Morre-se de fome. O restaurante, vegetariano com seu menu de cuscus, alfaces e batatas é uma casa de luxo onde sómente podem entrar aqueles que dispõem de três francos e meio. Não há mais remédio do que comer bocados de ar, de ar mafioso impregnado de gasolina e de fumo de fábrica. Esse ar *putrefacto* de Paris que nos envenena as entranhas e nos corrói os pulmões.

Trabalhar é hoje uma coisa reservada aos privilegiados. Trabalha quem pode, não quem quer.

Ninguém se queixa, porque a papeleta de expulsão é algo fatídica e *Fresnes*, «a mansão dos encapuchados», é um sítio que horroriza.

Comercia-se com a carne do povo, carne de galinha depenada e magra... E nós estamos à espera de ver quem dá solução a este problema. A' espera de ver quem é capaz de resolver tudo isto com processos rápidos e decisivos. Não com assembleias nem congressos, nem manifestos da última hora. A fome não se acalma com discursos. A miséria não admite paliativos nem meias tintas. A liberdade não se conquista comentando Kropotkin nem Bakunine. O panegírico não engorda nem libera.

Na que traduzir em factos os escritos desses grandes economistas. Eles foram o fachado. Há que colher esse fachado com as duas mãos e purificar o ambiente. O resto por agora, diga-se o que se quiser, são tolices.

Júlio ANTÓNIO

INFORMAÇÃO TELEGRÁFICA

A conferência económica internacional

Uma reunião que só interessa ao capitalismo

GENEVA, 6.—O governo de Moscou enviou aos seus delegados à conferência internacional económica instruções para exigir que sejam imediatamente abolidas todas as precauções humilhantes tomadas pela polícia para com elas e um tratamento igual ao concedido às outras delegações. Caso contrário, deverão deixar Genebra.

Foi bem acolhida na conferência económica internacional a proposta do sr. Jouhaux relativa à criação de um instituto económico internacional. (L.)

A guerra ao proletariado

A fúria burguesa na Inglaterra

LONDRES, 6.—A câmara dos comuns, depois de ter rejeitado por 388 votos contra 171, uma proposta para ser suspensa a discussão do projeto de repressão das greves, aprovou este por enorme maioria. (L.)

O mundo dos negócios

Uma proposta derruida

BERLIM, 6.—Foi rejeitada a proposta feita por um grupo de americanos, para a construção de 14.000 casas nesta cidade. (L.)

A nacionalização da indústria mexicana

MEXICO, 6.—Por sentença do Supremo Tribunal foi retirado a nove companhias estrangeiras o privilégio de poderem agir livremente em todos os assuntos referentes a campos e jazigos petrolíferos. (L.)

telho Branco ficam pertencendo os demais concelhos do distrito.

Art. 8º.º — O tribunal com sede em Tomar abrange todo o concelho desse nome e os concelhos de Vila Nova de Ourém, Ferreira do Zêzere, Mação, Sardoal e Constância.

§ único.—Os demais concelhos do distrito de Santarém ficam pertencendo ao tribunal com sede na cidade de Santarém.

Art. 9º.º — Os novos tribunais com sede em Lisboa e Porto, denominar-se-ão 2.º Tribunais de Desastres no Trabalho de Lisboa e Porto em oposição aos já existentes e que ficam com a designação de 1.º.

Art. 10º.º — Quando nos logares de juizezes-presidentes destes tribunais sejam provisórios magistrados judiciais ou do Ministério Público, serão estes considerados em comissão como em permanência de exercícios nos respectivos quadros a que pertencem.

Art. 11º.º — Em quanto se não fizerem as eleições dos vogais das classes patronais, operárias, médicas, companhias de seguros e sociedades mútuas, ou o Governo não provisoriamente pela forma prescrita no art. 74.º do Regulamento aprovado pelo Decreto n.º 4288, vigorarão as pautas existentes nos assuntos tribunais de Lisboa e Porto.

Art. 12º.º — Fica revogada a legislação em contrário.

Art. 13º.º — É criado um novo Tribunal de Desastres no Trabalho, na cidade de Lisboa, ficando-lhe pertencendo o julgamento dos assuntos que lhe competiam, mas só nos 1.º e 2.º bairros e nos concelhos de Alenquer, Arruda dos Vinhos, Azambuja, Cacilhas, Cascais, Sintra e Oeiras.

Art. 14º.º — São criados Tribunais de Desastres no Trabalho na cidade da Guarda, Viana do Castelo, Vila Real e Funchal, abrangendo cada um a área do respectivo distrito.

Art. 15º.º — O actual Tribunal de Desastres no Trabalho com sede na cidade de Setúbal fica abrangendo todo o distrito administrativo da mesma denominação.

Art. 16º.º — O Tribunal de Desastres no Trabalho existente na cidade da Covilhã, fica abrangendo todo o concelho do mesmo nome e os concelhos de Belmonte e Penacôr.

Art. 17º.º — Ao tribunal com sede em Cascais.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Cooperativa dos Catracários do Porto de Lisboa.

— Reúne hoje, pelas 18 horas, a assembleia geral, para apreciação do relatório de contas e diversos assuntos de interesse para a classe.

Os Mistérios do Povo

Foi posto à venda na nossa administração o

V volume encadernado dos "Mistérios do Povo": AS FILHAS DE CARLOS MAGNO.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 52 desta novela intitulado «A hija del verdugo», de Federica Monteny. Preço 500. — Pedidos à administração de A Batalha.

Sobre organização

II

Necessidade do estudo da Sociologia "como ela já é"

Ao iniciarmos, nós adultos, o estudo dum

scienzia, temos de acitar, embora a título

provisório, o que nos dizem os especialistas

no assunto, porque não pode estudar-se

uma scienzia determinada sem se saber o

que se vai estudar, qual é o seu objecto

aproximado, qual o seu pretenso âmbito em que

se desenvolve, quais as matérias que é corrente abranger.

Sómos forçados, portanto, a seguir e a adoptar, ainda que temporariamente

o que já está feito, o que constitui o património

científico dos conhecimentos humanos.

Imagine-se, por hipótese, por absurdura, um

individuo a dizer que vai estudar zoologia ou

botânica, sem a menor ideia do que significa

as palavras e quais os objectos de

que tratam, — sem previamente se apropriar

dos trabalhos realizados e de se certificar

que é a tal «zoologia» ou a tal «botânica»

que quere aprender. Teria que proceder ao

caso, as apalpadelas, antes que alcancasse

uma desintegração, uma descriminação, teria

que fazer individualmente o trabalho de gerar

o que se quer, — sem prender a

que se quer, — sem prender a</